

## IDENTIDADE E LINGUAGENS ESPECIAIS: UMA PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA

*(Identity and special language varieties:  
an ecolinguistic view)*

Ludmila Pereira de Almeida<sup>1</sup>

Elza Kioko N. N. do Couto<sup>2</sup>

*(Universidade Federal de Goiás – UFG)*

### ABSTRACT

*This starting-point of this article is the fact that a language ecosystem works in accordance with the triad of the fundamental ecology of language (FEL), in which people and territory form a unity. Thus, our main objective is to investigate complex language ecologies as well as how specialized language varieties are formed and form the identity of their users, from an ecolinguistic perspective. Our main theoretical foundation is Couto (2007), the basis for our text, together with Cabello (2002) for specialized language varieties, as well as Hall (2007), who deals with the question of identity formation in a post-modern context. Out of the interaction of different language ecosystems several FELs may emerge. These in turn may give birth to jargons and slangs. These language varieties form different identities which characterize the subjects of certain social and linguistic groups.*

**Key word:** *special languages, linguistic diversity, identity.*

### RESUMO

*Tendo como base que um ecossistema linguístico funciona de acordo com o tripé da Ecologia fundamental da língua (EFL), em que Língua, Povo e Território procuram formar uma unidade, temos como objetivo principal*

1. Pesquisadora/estudante de Graduação no Curso de Letras, membro do NELIM – Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário da Universidade Federal de Goiás (UFG).
2. Doutorado e Mestrado em Linguística na PUC-SP. Professora de Linguística da UFG. Fundadora do NELIM – Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário, na UFG onde atua como docente na Graduação e na Pós-Graduação.

*neste texto discutir a questão das ecologias linguísticas complexas e, como as linguagens especiais se constituem e formam a identidade de seu falante, na perspectiva ecolinguística. Para isso, tomamos como principal fundamentação teórica, entre outros autores, Couto (2007), o qual forma a base deste artigo no âmbito da Ecolinguística, Cabello (2002), relacionando-o especificamente com as linguagens especiais e Hall (2007) que trata da formação da identidade no contexto pós-moderno. Assim, teremos como resultado das interações entre ecossistemas linguísticos, a formação de diferentes EFLs que poderão convergir em linguagens especiais como os jargões e as gírias. Além disso, as linguagens especiais constituem diferentes identidades a fim de representarem os sujeitos de determinado grupo social e linguístico.*

**Palavras-chave:** linguagens especiais, diversidade linguística, identidade.

## **Introdução**

Sendo a Ecolinguística uma disciplina que trata das relações entre língua e meio ambiente, ela propõe que um ecossistema linguístico funciona de acordo com o tripé da ecologia fundamental da língua (EFL), em que língua (L), povo (P) e território (T) se encontram em situação de interdependência. Esta é a ilustração de um modelo ideal de ecossistema linguístico, em que um território deve ser ocupado por um povo, que possui uma língua própria. Porém, podemos perceber que a própria língua não é uma realidade compacta definida e muito menos pura. Ela se fragmenta e se modifica devido ao uso, trajetória histórica e o contexto em que é usada. Com isso, poderemos ter o surgimento de novas formas de linguagens de acordo com a necessidade do falante, ou seja, dependendo do contexto em que nos encontrarmos, nos diferentes espaços sociais, poderemos necessitar de outras formas de expressão linguística, que transmitam mais claramente nosso enunciado de modo que faça sentido para o interlocutor.

Com isso, somos levados a diferentes variações de uma língua, e, na visão da ecolinguística, a uma diversidade linguística, uma linguodiversidade, por serem as línguas moldadas de maneira

considerável pelo meio ambiente em que seus falantes vivem. Como diz Couto (2007), as culturas e línguas indígenas devem ser vistas como verdadeiros bancos de conhecimento linguístico e conseqüentemente lexical, não só por possuírem uma grande diversidade, mas também por representarem uma situação em que existe uma interação mais intensa entre seus falantes e respectivo meio ambiente.

Sabendo que a língua traduz a ideologia e a cultura de um povo, ela é também, segundo Hall (2007), a fusão de várias culturas e identidades que se juntam para formar uma unidade representativa. Essa fusão ocorre devido às interações entre diferentes línguas, principalmente por causa da globalização, a grande propulsora de migrações de um território para outro. Quando as pessoas emigram de suas terras, também trazem consigo sua língua, constituída de uma comunidade de linguística diferente da do destino. O trânsito entre territórios, as invasões, as situações de fronteiras, migrações por guerra e por fatores econômicos, entre outros, proporcionaram o surgimento de novas ecologias linguísticas complexas. Estas se formam, segundo Couto (2007), pelo contato com línguas de comunidades diferentes, o que irá nos levar a uma diversidade linguística, da qual as linguagens especiais fazem parte.

Mediante essa diversidade linguística, poderemos conhecer novas formas de conceituar o mundo, passando a conhecer diferentes culturas e tradições. Mas, isso divide opiniões no sentido de a diversidade linguística ser um fator bom ou ruim, em todo caso nos focaremos na visão da ecolinguística, que preza o surgimento de novas formas de linguagem, a fim de que o ecossistema permaneça em equilíbrio mesmo quando se perde algum organismo, ou a língua.

Diante de tudo isso, pode parecer que estamos assumindo uma perspectiva sociolinguística. Embora neste texto nos sirvamos de aspectos teóricos essenciais dela, o arcabouço geral será o da ecolinguística. Entretanto, as duas linhas teóricas se distanciam ao definir e estabelecer relações com a língua, sendo que para a sociolinguística a língua possui relação com a sociedade e na ecolinguística a língua se relaciona com o meio ambiente, tendo este três possibilidades. Segundo Couto (2007) o primeiro meio é o social,

que trata da língua e sua interação com a sociedade; o segundo meio é o cérebro, que é o local onde a língua se localiza como interconexões neurais; o terceiro seria o meio físico, que abarca o território e as pessoas que nele se encontram. Portanto, a ecolinguística traz uma visão mais ampla de como a língua pode se relacionar com o meio e vice-versa.

### **1. Linguagens especiais e identidades sociais**

A noção de língua ser algo puro e homogêneo, que representa um povo, vem sendo quebrada com a globalização e seus efeitos, mediante a quebra de barreiras territoriais entre as línguas, facilitando as migrações. Isso facilitou a fragmentação de línguas consideradas puras e o surgimento de outras a partir dessa fragmentação. Além disso, também há o extermínio de línguas consideradas minoritárias em favor de línguas majoritárias como o inglês, que exercem seu poder territorial e ideológico sobre outras.

Mesmo se tendo dentro de um mesmo território uma grande linguodiversidade, através da interação de diferentes EFLs, a concepção de nação fará com que haja uma necessidade de unificar essas diferenças, sobrepondo a essas variações linguísticas uma língua considerada padrão. Essa língua, que foi constituída por outras línguas através da história, continua se fragmentando ao interagir com outros povos e se modifica mediante o surgimento de novas necessidades sociais. Além disso, como diz Hunn (2001 *apud* COUTO, 2007), “as línguas globais não podem substituir as línguas endêmicas sem uma perda substancial de conteúdo etnobiológico”, ou seja, a extinção de línguas também é uma extinção de culturas e percepções diferentes de ver o mundo, que uma língua por si só não abrange, por mais territórios e falantes que ela abranja.

Entre os vários tipos de diversidades que uma língua pode conter diante de diferentes práticas sociais, temos o multilinguismo, os dialetos, os pidgins e as linguagens especiais, foco de nosso trabalho. Conforme Cabello (2002), as linguagens especiais se estabelecem no campo lexical e estão ligadas a determinados tipos de variações

socioculturais de linguagem, caracterizando determinado modo de pensar e agir na sociedade ou nomeando atividades específicas. Isso contribui para uma maior comunicação e identificação nos diferentes grupos sociais, que, de acordo com as circunstâncias, podem se tornar uma linguagem mais ou menos criptológica.

As linguagens especiais de que trataremos aqui serão as gírias e os jargões. Segundo Cabello (2002), elas surgem em meio a grupos fechados, sendo que “a gíria, a grupo restrito social” e “o jargão, a grupo restrito profissional”. “Ambos funcionam – socialmente – como marca de identidade grupal, além de dar ao grupo criador maior força e coesão grupal”. Como exemplo, temos alguns jargões do âmbito jurídico, como essas entradas colhidas em Versolato (2010):

*Abroquelar*: fundamentar; *Areópago*: tribunal; *Cártula chéquica*: folha de talão de cheques; *Com espeque no artigo*: com base no artigo; *Estribado no artigo*: com base no artigo; *Digesto obreiro*: Consolidação das Leis do Trabalho – CLT; *Diploma provisório*: medida provisória; *Ergástulo público*: cadeia; *Estipêndio funcional*: salário; *Exordial*: peça ou petição inicial; *Fulcro*: fundamento; *Peça incoativa*: peça ou petição inicial; *Peça-ovo*: peça ou petição inicial; *Petição de introito*: peça ou petição inicial; *Res in judiciodeducta*: petição inicial; *Peça increpatória*: denúncia; *Remédio heroico*: mandado de segurança; *Vistor*: perito.

Como exemplo de gírias, tomemos a gíria dos moradores de rua, como mostra Murata (2008: 4):

*Cinco - cinco* – furto; *Cinco sete* - roubo a mão armada; *Fazer um bote*– rouba; *Não dar guela* - não deixar a vítima desconfiar que está sendo roubada ou vigiada; *Não dar paia* - fazer algo discretamente, fazer bem feito; *Passar o pano* - vigiar na hora do roubo

Em Segura (1998: 20), temos gírias do sistema penitenciário, das quais reproduzimos algumas a seguir:

*Berro* – revólver; *Bota fora* – advogado; *Cascão* - guarda ruim; *Cimento* – cocaína; *Comarca* – Cama; *Capa preta* – Juiz; *Cria*

- *peessoa nascida na favela*; **Dar mala** – dispensar; **Faculdade** – penitenciária; **Ganso** - informante da polícia; **Pulara fogueira** – Assaltar; **Truta** - membro da quadrilha; **Zebrar** - dar errado, falhar

Não se pode considerar que gíria e jargão consistem de um fenômeno léxico isolado, eles são uma forma de expressão da realidade por grupos através de ideologias diferentes, que interpretam o mundo de acordo com o contexto social moderno em que estão inseridos, seja este de prestígio como no caso dos jargões, seja marginalizado como no das gírias. Portanto, as linguagens especiais são uma forma de expressão de uma subcultura formada a partir da cultura e do padrão dominante, isto é, os membros de um determinado grupo possuem determinados tipos de linguagem que contribuíram para a formação de sua identidade que é constituída pela diferença relativamente ao outro, que está fora do grupo.

Subculturas [...] desenvolvem sistemas semióticos para sua coesão interior e diferenciação exterior. Temos que reconhecer nessas formações subcategorias que permitem o controle e o processamento de interações sociais em sociedades urbanas de grandes tamanhos. A heterogeneidade social e cultural dos habitantes exige a invenção de grupos mais coesos (REICH, 2009: 293).

Além disso, a tendência ao isolamento, formando comunidades linguísticas dentro de outras comunidades, são marcas desses grupos, o que leva a adotarem uma linguagem especial particular no plano do léxico, constituída por seus membros a fim de terem uma comunicação mais eficaz intragrupalmente. No caso das gírias dos presidiários, eles mantêm uma linguagem entre si de maneira criptológica a fim de que pessoas de fora de seu grupo, como os policiais, não possam compreender. É uma espécie de código, de arma de defesa contra os demais membros da sociedade, em que a linguagem se adequa ao contexto por meio dos recursos da metáfora, do eufemismo e por empréstimos, entre outros. Quando uma gíria tida como criptológica sai do grupo, logo tratam de formar outra para substituí-la. Assim também funciona o ecossistema que, quando há perda de um

organismo, se reorganiza e o substitui por outro para que se mantenha o equilíbrio natural, ou seja, para que se mantenha a criptologia e a identidade daquele grupo.

O repertório vocabular é uma das condições essenciais para a manutenção de uma comunidade linguística, subsistindo a partir de um fenômeno cíclico de aparecimento e desaparecimento de vocábulos, o que também acontece com o ecossistema, que é constituído por um ciclo vital que vai do nascimento à morte dos organismos. Por isso, ainda conforme Cabello (2002), quando um termo foge do âmbito grupal, devido à “alta frequência e/ou da expressividade, pode ser abandonado pelo grupo”, já que se tornou uma linguagem geral e não serve mais como arma de defesa social do grupo por estar generalizado e ter se tornado social. Couto (2007: 334) sintetiza como se estabelece a EFL nas ecologias linguísticas complexas, afirmando que:

Mesmo no caso das linguagens especiais, como os jargões e as gírias, o princípio da EFL se mantém. Com efeito, só há um jargão ou uma gíria (L) se há um grupo de pessoas (P) convivendo ou trabalhando em determinado lugar (T) que os formem e os use. Esse lugar pode ser uma escola ou até mesmo uma turma específica dessa escola.

Sendo os membros desse grupo que possui uma linguagem especial portadores de uma representação social, trazem consigo uma identidade marcante. Veremos então, segundo Hall (2007), que as identidades são construídas dentro dos discursos, e não fora deles. “Essa construção ocorre por um processo de diferenciação, onde estão imbricadas as relações de poder” (SILVA, 2007). Isto é:

...uma identidade consegue se afirmar [...] apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça. Derrida mostrou como a constituição de uma identidade está sempre baseada no ato de excluir algo e de estabelecer uma violenta hierarquia entre os dois polos resultantes - homem/mulher, branco/negro. Em que o “homem” e o “branco” são equivalentes a “seres humanos” e que “mulher” e “negro”, são tidos como marcas, em contraste com os termos não marcados “homem” e “branco”. (LACLAU, 1990 *apud* HALL, 2007)

Essa relação de poder deriva também da origem dessas linguagens especiais, em que temos o jargão, no contexto da norma culta, denotando *status* profissional, o que leva o seu uso pela maioria dos profissionais em entrevistas, negócios, tribunais, em textos acadêmicos, estampando um domínio do conhecimento de determinada área, reafirmando sua identidade com o grupo do qual fazem parte. Já a gíria nasce em sua maioria em contextos marginais ou de menor hierarquia, como a favela, a periferia, o presídio, os grupos de homossexuais, de moradores de rua etc., configurando, do ponto de vista da norma culta, termos considerados chulos, vulgares, tabus, obscenos, chocantes, traumáticos etc., e muitas vezes diretamente correlacionadas à agressão. A gíria se opõe aos valores que a cultura dominante propõe, o que é uma característica forte da identidade de seus usuários. Segundo Preti (1984: 12 *apud* Remenche):

os membros de um determinado grupo fechado buscam na linguagem uma forma de impor as diferenças entre o seu meio social e os demais meios da comunidade mais ampla, como um mecanismo de defesa, atitude própria de grupos essencialmente ligados à marginalidade, à prostituição, ao tóxico, à homossexualidade entre outros.

## Considerações finais

Toda essa diversidade linguística é importante para que o ecossistema permaneça em equilíbrio. De acordo com Mishler (2001: 76 *apud* COUTO, 2007). “ecossistemas diversificados tendem a ser muito mais estáveis do que os simples por causa das redundâncias inerentes aos papéis funcionais, ou seja, o ecossistema quando é diversificado se reorganiza no caso de haver perda de algum organismo, mas se isso ocorrer em um ecossistema monocultural, este correria o risco de ser extinto”. Daí a importância da linguodiversidade, que traz para o ecossistema linguístico maior estabilidade e formas diversas de se interpretar o mundo, apesar de hoje a globalização querer implantar o unilinguismo através do capitalismo.

Sendo a língua estabelecida como um padrão unificador e se apresentando como homogênea e pura ao falante, podemos perceber então que ela se constitui diversas variedades, além de também ser base para o surgimento de outras variedades linguísticas. Além disso, as linguagens especiais trazem consigo diferentes identidades constituídas por sujeitos inseridos em novos espaços sociais e em situações de representação diversas. Mesmo as linguagens especiais se estabelecendo em meio a um grupo isolado na sociedade, seguem a regra da EFL em que temos língua, povo e território como premissas para a formação de uma comunidade linguística e de uma linguagem especial, seja esta de jovens, presidiários, homossexuais, moradores de rua, empresários, advogados, professores etc.

Este assunto é importante do ponto de vista da ecolinguística por tratar da questão da diversidade, que é fundamental para constituir um ecossistema em equilíbrio. E as ecologias linguísticas complexas, são um fator importante nesse equilíbrio, pois é por elas que novas formas de ver o mundo, novas formas de linguagens são estabelecidas por diferentes redes de significado.

Recebido: 15/08/2012

Aceito: 20/11/2012

Ludmila: [ludpereira@hotmail.com](mailto:ludpereira@hotmail.com)

Elza: [elzakm@terra.com.br](mailto:elzakm@terra.com.br)

## Referências bibliográficas

CABELLO, A. R. G. *Linguagens especiais: Realidade linguística operante. Uniletras*, 2002.

COUTO, H. H. *Ecolinguística: estudos das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

MURATA, E.K.N.N. Gíria: Vocábulo de identificação e autodefesa. *Revista eletrônica Temática*. 2008.

REICH, U. Mille plateaux linguistiques. Competência poligramatical e socio-indexicalidade em megalópoles latino-americanas. In: LOPES, C. R. S;

REICH, U. (Org.). *Variação linguística em megalópoles latino-americanas*. Munique: Lincom Europa (Neue Romania, 39), 2009, p. 287-299.

REMENCHE, M.L.R. *Gíria: A linguagem no sistema penitenciário*. Disponível em <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci164.htm>. Acessado em: 05/07/2012

REVISTA DISCUTINDO LÍNGUA PORTUGUESA. *Código das celas: A gíria que saiu da marginalidade para dominar as ruas e a mídia*. Ano 2-nº 7. Editora Escala Educacional.

VERSOLATO, C. *O uso do jurídiquês*. 2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-uso-do-juridiques/48139/#ixzz1zav20wpk>. Acessado em: 03/07/2012.